



Planos

Locais

de



Leitura



Boletim Informativo
JUL 2025 · N.º 4

Submissão de artigos por Municípios PLL

Tem um projeto inspirador ou um evento relevante no âmbito dos Planos Locais de Leitura? Partilhe-o connosco!

O nosso Boletim Informativo é o espaço ideal para divulgar as suas iniciativas e enriquecer a nossa rede PLL. Junte-se a nós e ajude-nos a promover a leitura em comunidade!

Aceda [aqui](#) para saber como.

Caso pretenda subscrever o Boletim Informativo, siga esta [ligação](#).

Em caso de dificuldade de visualização, poderá aceder a este Boletim no *site* do Plano Nacional de Leitura.



Editorial

Ler no verão: Tempo, para que te quero?

As férias grandes trazem consigo um paradoxo curioso para quem trabalha na promoção da leitura: são, ao mesmo tempo, um período desafiante e um momento de oportunidade única. Desafiante, porque as rotinas letivas se dissolvem, os horários se tornam mais flutuantes e a atenção dos leitores mais jovens dispersa-se por ecrãs, deslocações e dias longos. Há sempre a queixa dos professores que esperavam que os alunos lessem *Os Maias* nas férias. Há sempre os pais que preferem que o tempo livre dos filhos seja totalmente deles.

Esta é também uma altura em que, livres da pressão dos testes, da rigidez curricular e da velocidade dos horários diários, os leitores — de todas as idades — podem finalmente experimentar a leitura com tempo, por prazer, em liberdade.

É nesse equilíbrio entre descanso e descoberta que muitos Planos Locais de Leitura têm apostado, promovendo ações que levam os livros para fora das bibliotecas e das salas de aula: bibliotecas itinerantes nas praias, mochilas de leitura para levar para casa, mapas literários de cidades, clubes de leitura em jardins públicos, festas do livro para famílias, entre muitas outras propostas. Estas ações não só mantêm o vínculo dos leitores com os livros, como criam memórias afetivas em torno da leitura, em espaços inesperados e partilhados.

Neste tempo pouco programado, a leitura autónoma encontra espaço para crescer organicamente, desde que o acesso esteja garantido. Um livro lido à sombra de uma árvore ou numa esplanada tem o dom de marcar um verão inteiro. Uma noite mal dormida para acabar um livro que não se consegue parar de ler é uma experiência inesquecível. E, ao contrário do que muitas vezes se pensa, a chamada “leitura de férias” — conotada com textos mais leves, informais ou escapistas — pode ser não apenas um ponto de entrada para novos leitores, mas também uma oportunidade para regressar aos livros cuja leitura se foi adiando durante o ano. Ou para ler aquele clássico que aguarda pacientemente na prateleira.

Além disso, os momentos em família longe dos dispositivos e das ligações digitais abrem a porta a experiências de leitura partilhada, em voz alta ou em silêncio, que aproximam gerações e cultivam hábitos duradouros. Uma sugestão nossa para as famílias: experimentem uma ida à praia sem dados móveis. Esta é uma sugestão que vai ser mal acolhida pelas operadoras telefónicas, mas que cria espaço para os livros imediatamente. Se forem para praias que ainda não oferecem bibliotecas, vão apetrechados de casa ou passem pela biblioteca municipal. Mas a falta de dados tem de ser de todos, senão, já sabemos o que vai acontecer.

Ler nas férias é, por isso, mais do que manter uma prática: é redescobrir o prazer da leitura como gesto partilhado e pessoal. Que este verão seja fértil em histórias lidas e contadas — e que os livros encontrem, em cada município, novos caminhos até aos leitores. Esperamos que este número do nosso boletim vos inspire a encontrar mais caminhos ou a não desistir dos encetados. O tempo do verão é lento. O de formar leitores também.

As Comissárias do Plano Nacional de Leitura

Regina dos Santos Duarte
Andreia Brites



Artigo de enquadramento

Oeiras: o verão, os livros, e uma cidade que lê

Gaspar Matos

Leitura de verão

Biblioteca de praia

Promoção da leitura

Acesso ao livro

Políticas públicas de leitura

As bibliotecas saem das suas paredes. Instalam-se nas festas da cidade, nas ruas, nas praças, nos jardins. Só nesses eventos são oferecidos entre 10 000 e 15 000 livros por ano.

Lembro-me de uma tarde quente, daquelas que sabem a infância e poeira, o sal colado à pele como um lençol de areia, e o silêncio de quem lê à sombra de um toldo. Era uma praia em Oeiras. Volto lá agora não com os pés, mas com esta memória que me invade como maré cheia e confirmo que, hoje, há bibliotecas na areia. Bibliotecas, sim. Estantes ao ar livre, com livros que se podem levar emprestados, ler ao pé do mar, devolver sem pressa. Ou simplesmente ficar com eles, e levá-los para casa como se leva um amigo ou um irmão, de mão dada.

Penso nisso como se fosse uma coisa natural, como o som das gaivotas ou o marulhar da costa num dia de Levante, mas não é. Não era, aliás. Naquele tempo, o único livro na praia era o que eu trazia enrolado na toalha, entre os fatos de banho húmidos e uma garrafa de sumo quente. Esse livro cheirava a casa, a silêncio, a um tempo antigo. Agora há livros com cheiro a mar e areia, entre as páginas. Palavras expostas ao sol, abertas como conchas. E há mulheres a lerem romances debaixo de chapéus de palha, os filhos a correrem por perto, homens também a lerem como quem reencontra um pedaço de si. Porque o verão é isso: é o tempo em que nos lembramos de que somos mais do que obrigações.

Há algo de mágico na leitura, durante as férias. Talvez seja o ritmo mais lento, a luz a cair de outra maneira, o tempo a esticar como uma frase bem escrita que nos dá tantos sentidos em tão poucas palavras. Ler no verão tem um sabor diferente. Mais livre. Mais doce. Mais nosso. E em Oeiras essas sensações são levadas a sério. Muito a sério.

No areal, entre guarda-sóis, bolas de Berlim e protetores solares esquecidos, estão as bibliotecas de praia. Cinco. Corrijo: quatro mais uma, que a quinta é na piscina. Oceânica. Mas são cinco, como os dedos de uma mão estendida. Livros para todas as idades, gratuitos, prontos a serem folheados entre um mergulho e outro. Pode parecer uma ideia simples, quase óbvia. Mas o impacto é profundo. Ao colocar os livros onde estão as pessoas, Oeiras transforma não leitores em leitores ocasionais, e leitores ocasionais em leitores comprometidos, engajados, enamorados, disponíveis — sem ruído, sem pompa, com a naturalidade de quem oferece pão quente, à porta de casa.

E as pessoas leem. Quase 75% dos habitantes leram um livro em 2023, dizem os dados. Em média, sete livros por pessoa a cada ano, no que respeita aos leitores com hábitos mais consolidados. Números que, à primeira vista, parecem de uma qualquer Escandinávia, mas são nossos. São de Oeiras. E não é só cultura, é política. No melhor dos sentidos. Uma política que acredita no livro e na leitura como ferramentas de inclusão, prazer e crescimento; acredita no livro que se faz degrau, e desses degraus se faz uma escada que funciona como elevador social, que rompe com o ciclo da pobreza. Que percebe que o livro é mais do que um objeto: é ponte, e é casa, e é futuro.

A leitura no verão é, também, resgate. É escavar dentro de nós com uma pá feita de palavras. Sem testes, sem metas, sem pressão. Uma criança abre um livro e viaja. Um idoso lê em voz alta e emociona-se. Uma mãe redescobre o prazer de ler só porque teve tempo. Um adolescente encontra ali a primeira página onde se reconhece. É assim que nasce o desejo: quando a leitura deixa de ser imposição e passa a ser escolha. Quando se lê porque sim. Porque apetece. Porque é bom.

Oeiras tem vindo a cultivar o espaço da leitura, o tempo da leitura, a oportunidade da leitura, com consistência, com omnipresença, com perseverança. No projeto “Um Livro, uma Comunidade” distribuem-se mil exemplares da mesma obra, gratuitamente, a quem quiser mergulhar na leitura partilhada. Uma aldeia a ler o mesmo livro, como se esse mesmo livro fosse uma fogueira onde todos se aquecem. Depois vêm os debates, as oficinas, os encontros com o autor. Um bairro inteiro em torno de uma história. Gente muito diferente a folhear as mesmas páginas. É disso que também se faz uma verdadeira comunidade: de palavras em comum. Não é no verão, é em abril (tinha de ser em abril). Mas sente-se um calor estival naqueles momentos de primavera, e acreditem que não é o termómetro a dar sinais. É mesmo um fenómeno térmico de Humanidade.

Mas há mais. Muito mais. Os cinco clubes de leitura das bibliotecas e na livraria municipal. O coro de leitura em voz alta, todo feito de mulheres. Os contadores de histórias que levam narrativas a comunidades mais vulneráveis, como quem leva sementes e lavra a terra de esperança. E há crianças que escrevem as suas próprias histórias, e depois veem-nas transformadas em livros a sério, com capa dura e ilustrações e, de um momento para o outro, percebem que se fizeram escritores sem disso terem noção. E têm orgulho naquele livro, que é obra sua. E há homens que voltam a ser meninos quando leem um poema que se parece com a sua infância. E há oficinas, prémios de poesia, histórias contadas em mercados, em centros de saúde e em prisões, e poemas ditos em voz alta por quem nunca foi ouvido.

E não se pense que tudo isto se esgota nos espaços edificados. Pelo contrário. As bibliotecas saem das suas paredes. Instalam-se nas festas da cidade, nas ruas, nas praças, nos jardins. Só nesses eventos são oferecidos entre 10 000 e 15 000 livros por ano (livros doados por munícipes), e que ganham novas vidas nas mãos de quem talvez nunca tenha pensado ler, nas férias ou fora delas. Um livro ao lado de uma sardinha, um poema entre dois brindes. Nada mais natural, tudo é festa.

Não há paternalismo. Não há moralismo. Há acesso. Há exemplo. Há estímulo. Há leitura. Há uma cidade que percebe que a cultura não se impõe, contagia-se; que a leitura não é um luxo, é uma necessidade; e que os livros não são para serem guardados, são para circular, para nos apanharem desprevenidos, para nos surpreenderem a cada instante e nos lugares mais inusitados.

Lembro-me de um menino na Praia de Santo Amaro. Andava entre castelos de areia e corridas até às ondas. Parou diante da biblioteca improvisada. Pegou num livro, sobre dinossauros. Sentou-se na toalha. Leu. Ali ficou, deitado, a viajar sem sair do sítio. Era verão. Talvez tenha sido naquele momento que descobriu que as histórias também sabiam a férias.

Talvez essa seja a maior lição. Que todos os mundos cabem dentro de um livro. Que um verão pode caber numa página. Que a leitura, oferecida com naturalidade e cuidado, pode mudar uma cidade. Discretamente. Sem fazer alarido. Como quem muda a mobília de lugar e, de repente, a casa parece nova.

Oeiras tem sido exemplo disso. Revolução suave. Palavra por palavra. Página por página. E não é por acaso que, este ano, se candidatou a Cidade Criativa da Literatura da UNESCO. É que já o é, na prática. Ou procura ser, todos os dias: sempre a querer tornar-se ainda mais uma cidade de leitores, muito mais do que uma cidade dos livros, ou da literatura. De leitores, daqueles que têm o verão todo dentro dos olhos.

Para isso é preciso um estio de livros, mas todo o ano: abundância de colheitas de palavras escritas. Não é pecado falar de abundância, livremo-nos dessa velha culpa judaico-cristã. Queremos abundância, sim, de livros, em todo o lado, à mão de semear, em qualquer oportunidade, de manhã, à tarde e à noite, no café, no clube desportivo e no centro de saúde, na paragem do autocarro e na piscina.

Livros. E a seguir leituras. E depois leitores. Porque não há verão melhor do que aquele em que um jovem descobre que a literatura é tão essencial como o sal no mar.

Não é revolução. Não é milagre. Mas também não é pouco. E talvez o futuro passe por aí: pequenas ações com grande alcance. Uma biblioteca de praia aqui. Um livro oferecido ali. Um clube de leitura acolá. Uma cidade inteira a reencontrar-se com as palavras, e cidadãos que acreditam que a leitura é um vício útil, e uma porta aberta em lugar de um ecrã aceso.

P.S. - E eu, que agora escrevo, o que leio? Este verão, *Pés de barro* (Nuno Duarte) é o que tenho à cabeceira, e irá comigo para a praia. Boas leituras.

Município de Oeiras. (n.d.). Cidade Criativa da Literatura. Recuperado de https://bibliotecas.oeiras.pt/cidade_criativa_da_literatura/

Município de Oeiras. (2024, 5 de novembro). Estudo avalia as práticas culturais em Oeiras. Recuperado de <https://www.oeiras.pt/-/estudo-praticas-culturais-oeiras>

Gaspar Matos

Agora Festival de Literatura Infantojuvenil

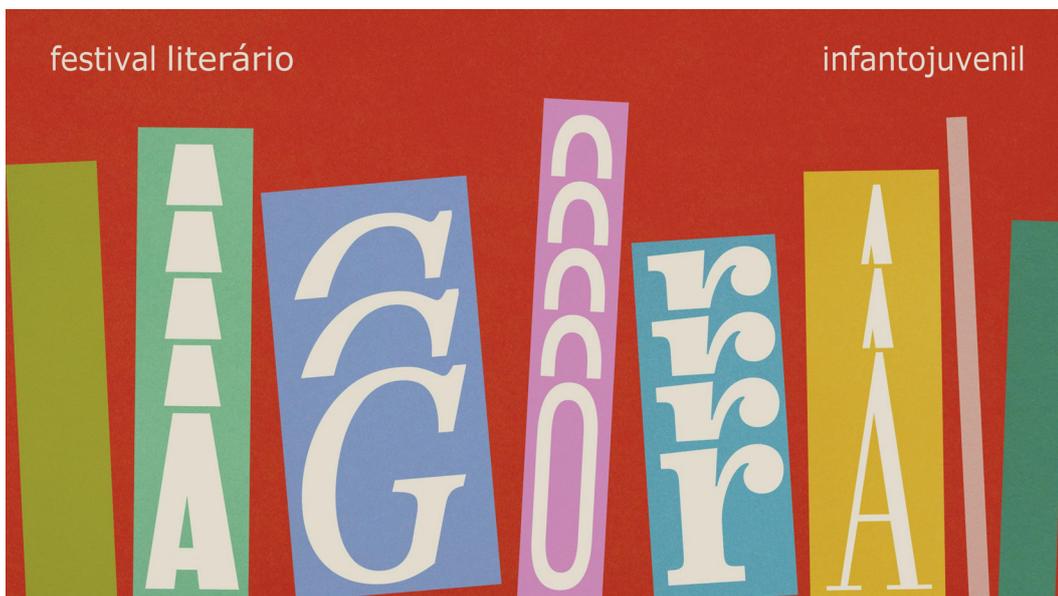
Festival literário

Infantojuvenil

Municípios em rede

Realiza-se em Lisboa, nos dias 25, 26 e 27 de setembro, e tem como objetivo celebrar a infância e a juventude, com o livro como protagonista e ponto de partida para inúmeras atividades.





Todas as informações poderão ser consultadas no site:
https://www.instagram.com/agora_festivalliterario/

Bibliotecas de praia, jardim e Ecobiblioteca de Sesimbra

Promoção da Leitura

Bibliotecas de praia

Ecobiblioteca

Difusão do livro

Esta iniciativa, dinamizada com o apoio de 44 jovens bolseiros, decorre entre 1 de julho e 31 de agosto nas praias e parques das três freguesias do concelho, e a Ecobiblioteca, no Parque Augusto Pólvora.

Nos meses de Verão, a Biblioteca Municipal de Sesimbra estende os seus serviços e atividades às praias e parques do concelho. Com mais de três décadas de existência, as Bibliotecas de Praia constituem um projeto de difusão do livro e da leitura realizado anualmente na época estival, com o objetivo de criar e desenvolver hábitos de leitura, promover a literacia e o conhecimento, competências cruciais no desenvolvimento individual e social da comunidade local mas também dos veraneantes, de forma descontraída e apelativa.

Esta iniciativa, dinamizada com o apoio de 44 jovens bolsheiros, decorre entre 1 de julho e 31 de agosto nas praias e parques das três freguesias do concelho, e a Ecobiblioteca, no Parque Augusto Pólvora. Nestes locais, são disponibilizados cerca de 4400 documentos, distribuídos pelas sete bibliotecas, dos quais fazem parte livros em português e língua estrangeira, jornais e revistas de géneros variados. Na Ecobiblioteca, além da literatura, a coleção disponível é centrada na proteção do ambiente, sustentabilidade e ecologia.

Estes postos de leitura, além do empréstimo domiciliário e presencial, oferecem atividades de mediação do livro e da leitura, como sessões de contos, conversas com escritores, espetáculos teatrais e pequenos ateliês de ilustração e escrita criativa, algumas delas em parceria com entidades externas (ELI/Cercizimbra, ENA), mas também internas (Arquivo Municipal e Divisão de Sustentabilidade e Ação Climática, com o Programa Comunidades em Ação – AML).



Ligação para o projeto:

<https://www.sesimbra.pt/agenda-online/evento/bibliotecas-de-praia-jardim-e-ecobiblioteca-53>



Partilha de práticas



Bibliotecas de verão em Arouca

Bibliotecas de verão

Promoção da Leitura

Acesso descentralizado à leitura

Leitura em espaços de lazer

Nos meses de julho e agosto, são asseguradas com recursos próprios, apoiadas por parceiros e têm um importante impacto na comunidade, aferido da opinião crítica dos utilizadores.

A Biblioteca Municipal acompanha os leitores nas suas férias de verão!

Através da extensão do serviço de leitura, a biblioteca municipal estende-se às praias fluviais do Areinho, Espiunca, Paradinha e às piscinas municipais de Arouca.

Com estes quatro pontos, garante-se a disponibilização de fundos bibliográficos para leitura recreativa e de lazer, adequados a todos os utilizadores, de todas as faixas etárias, de forma descentralizada e em livre acesso. Os utilizadores e os visitantes podem, assim, usufruir destes serviços gratuitos que o município coloca à disposição de todos!

As bibliotecas de verão têm documentos para leituras mais breves, álbuns para descobrir em família, guias e alguns jogos. Nos meses de julho e agosto, são asseguradas com recursos próprios, apoiadas por parceiros e têm um importante impacto na comunidade, aferido da opinião crítica dos utilizadores.

As bibliotecas de verão compensam a diminuição da utilização da biblioteca sede e são sustentáveis, apesar da existência de uma taxa ainda considerável de perda ou dano nos documentos disponibilizados, sendo que a relação custo/benefício justifica a sua continuidade.



Ligação para o projeto:

<https://www.cm-arouca.pt/este-verao-a-biblioteca-municipal-leva-livros-as-areas-de-recreio-e-lazer-e-piscinas-municipais/>



Oferta de formação

Além dos Livros, Bibliotecas Comunitárias: Leitura, Liberdade e Cidadania

Bibliotecas comunitárias

Desenvolvimento social

Democracia inclusiva

Cidadania ativa

Marque na agenda: 23 de setembro de 2025, das 14h30 às 17h00.

Não perca a oportunidade de aprender mais sobre o tema. Inscreva-se ou inscreva a instituição que representa nesta oficina de formação *online* gratuita.

Inscreva-se [aqui](#)

Esta oficina de formação/ *webinar* de duas horas e meia explora o **papel transformador das bibliotecas comunitárias** como agentes estratégicos de desenvolvimento social. Com foco em experiências reais, valorizando o potencial de colaboração com as bibliotecas municipais, discutiremos como estes espaços podem ultrapassar a função tradicional de empréstimo de livros para se tornarem polos dinamizadores de:

- **Leitura como alicerce** crítico para a autonomia e a emancipação comunitária;
- **Cidadania ativa**, promovendo participação social e combate à desinformação, inovando sem romper com a memória;
- **Democracia inclusiva**, através do acesso livre à informação, ao convívio sem barreiras e a debates plurais;
- **Práticas ecológicas**, desde gestão sustentável de recursos até educação ambiental;
- **Diversidade cultural**, com mediação de leitura, intergeracional, com agendas transformadoras, como, por exemplo, antirracismo e multilinguismo.

Abordaremos:

- Casos emblemáticos (Brasil, Portugal, outros);
- Estratégias para integrar agendas sociais e ambientais;
- Impacto na redução de desigualdades e construção de redes solidárias;
- Ferramentas para *advocacy* e financiamento.



Maria José Vitorino

Foto Livraria Arquivo, Leiria, 2023

Licenciada em História (1977). Pós-graduada em Ciências Documentais – Bibliotecas e Documentação (1990) e em Curadoria e Gestão de Informação (2015). Mestre em Ciências da Educação – Educação e Leitura (2007). Especializações: educação, formação, leitura, literatura, literacia, gestão de projetos, parcerias, comunicação, curadoria (de eventos ou outra).

Professora desde 1976, profissionalizada desde 1979, lecionou no ensino básico, secundário e superior.

Bibliotecária desde 1990, desempenhou funções de coordenação, supervisão e formação na Rede de Bibliotecas Escolares (1998–2014).

Formadora certificada desde 1998.

Tradutora, editora de conteúdos, curadora, gestora de projetos.

Prémio IASL School Librarianship (2009).

Membro fundador da Laredo Associação Cultural, faz parte da sua direção. Participa ativamente em outras associações, tais como: APMNR Associação Promotora do Museu do Neorrealismo, Associação Forum Manifesto, IASL International Association for School Librarianship, BAD Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação, APCEP Associação Portuguesa de Cultura e Educação Permanente.

Integra as equipas Laredo em diversos projetos, desde 2014.

Publica dois blogues : [ALFINete](#) (desde 2008) e [Lerdo ler](#) (desde 2005). Mantém páginas no Facebook, Twitter, Instagram e LinkedIn.

- Notas curriculares e publicações [aqui](#)



O Plano Nacional de Leitura apresenta o primeiro material didático publicado em Portugal sobre leitura de literatura por aprendentes de português como língua adicional.

Este guia oferece orientações práticas e fundamentadas para professores que ensinam português a públicos não nativos – como língua de acolhimento, língua estrangeira, língua de herança ou segunda língua. Intitulado *Guia de Leitura PLA/PLE/PLNM/PLH/PLS*, o documento propõe uma abordagem inovadora, integrando literatura e ensino da língua numa perspetiva cultural, linguística e pedagógica.

Este recurso fica disponível gratuitamente, se o descarregar [aqui](#). Pedimos aos seus utilizadores que nos enviem comentários e sugestões acerca da sua utilização, utilizando o código QR ou a ligação:



<https://forms.office.com/e/QLEUFE8C9h?origin=lprLink>

Sugestão de leitura



O livro do verão

TOVE JANSSON

RELÓGIO D'ÁGUA

Tove Jansson capta nesta novela a essência do verão. Uma artista e a neta de seis anos passam estes meses numa pequena ilha no golfo da Finlândia. A avó é pouco sentimental e a neta, Sophia, é impetuosa e inquieta. Uma conhece profundamente o que é a vida, a outra está ansiosa para saber tudo sobre ela.

Em momentos opostos da vida, exploram a ilha e os seus segredos e inventam histórias para os mistérios que as rodeiam, enquanto se interrogam sobre a vida, a morte, a natureza e o amor. A prosa cristalina e direta de Tove Jansson é capaz de descrever o esforço da natureza para manter o delicado equilíbrio entre a sobrevivência e a extinção.

